

A compreensão responsiva ativa no gênero do discurso conversação ¹

Jerónimo Pascoal Balata *

ORCID iD

<https://orcid.org/0009-0007-0730-4858>

RESUMO

O artigo rebenta concomitantemente com a preocupação que temos com as práticas discursivas espontâneas dos indivíduos em diferentes esferas da actividade humana. Destacando, a conversa enquanto um espaço privilegiado para a troca de impressões e ideologias entre os sujeitos da interação em contextos sociais mais amplos (informais ou corriqueiros) e restritos (complexos ou formais). Buscamos teórica-analiticamente compreender essas facetas que permeiam e subjazem a conversação, evidenciando aspectos constitutivos da compreensão no gênero de discurso conversação, de modo a problematizar aspectos concernentes a compreensão responsiva ativa de Bakhtin em um acto conversacional de interlocutores socialmente organizados. Assim sendo, objectivamos de forma específica, destacar como se realiza a compreensão responsiva ativa no gênero do discurso conversação; identificar a contribuição do conhecimento dos gêneros discursivos no âmbito da tomada de atitude responsiva ativa e descrever de que maneira se realiza a alternância de turnos conversacionais no gênero discursivo conversação. Assim, elegemos a metodologia direccionada por meio de um estudo bibliográfico. A conclusão sugere que todo ato de compreensão é uma resposta, ou seja, ao se compreender a palavra enquanto signo ideológico, nasce de forma exterior ou interior, imediata ou mediata uma atitude em que determinado interlocutor posiciona-se sobre determinado discurso. Deste modo, o conhecimento de gêneros discursivos para a tomada de atitude é imprescindível, pois emolduram a linguagem a ser usada em função do interlocutor. Por assim se dizer, podemos inferir que muitas vezes na conversação, a atitude responsiva ativa ocorre de forma imediata e situada em voz alta.

PALAVRAS-CHAVE

Compreensão Responsiva; Gêneros Discursivos; Conversação

Active Responsive Understanding in the conversational discourse genre

ABSTRACT

The article simultaneously addresses our concern with the spontaneous discursive practices of individuals in different spheres of human activity. It highlights conversation as a privileged space for the exchange of impressions and ideologies among interaction participants in broader (informal or everyday) and narrower (complex or formal) social contexts. Theoretical and analytical approaches are used to understand the facets that underlie conversation, emphasizing the constitutive aspects of understanding within the genre of conversational discourse. This allows us to problematize aspects related to Bakhtin's active responsive understanding in a conversational act among socially organized interlocutors. Specifically, our objective is to highlight how active responsive understanding occurs in the genre of conversational discourse, identify the contribution of genre knowledge in the realm of active responsive attitude-taking, and describe how the alternation of conversational turns is realized in the conversational discourse genre. Therefore, we

¹ Este artigo foi apresentado na 1ª Conferência Internacional sobre Educação, Tecnologia e Cultura: Contexto e Desafio, intitulado "Estudos Linguísticos e Estudos Literários, realizado na Universidade Licungo, nas modalidades (virtual e presencial).

* Licenciado em Ensino de Português com Habilitação em Ensino de Português Língua Estrangeira pela Universidade Licungo (UL), Faculdade de Letras e Humanidade, sediada na cidade de Quelimane-Moçambique. Actualmente é Consultor-chefe do projecto em andamento "Consultoria e Mentoria em Letras JPBalata, com enfoque em línguas (Bantu, Portuguesa, Inglesa e francesa) Presencial/Virtual, importa referir que ainda não foi credenciado. Email: jeronimopascoalbalata@gmail.com

have chosen a methodology based on bibliographic research. The conclusion suggests that every act of understanding is a response. In other words, when understanding a word as an ideological sign, an attitude emerges, either externally or internally, immediately or mediately, in which a particular interlocutor positions themselves in relation to a particular discourse. Thus, knowledge of discourse genres for attitude-taking is essential, as they frame the language to be used based on the interlocutor. In this sense, we can infer that often in conversation, active responsive attitudes occur immediately and are expressed aloud.

KEYWORDS

Active Responsive Understanding; Discourse Genres; Conversation.

A kutitwisa ka kuhlamula kuneni he ka Matsamela ya Mabulu

RESUMU

A xigozo lexi xi huma azwin'wi ni kunavela ka hina kutiva a matsamela yamawulawulela ya vanhu kamandawu ya kuhambana-hambana. Ngovu ngovu amabulu namahi ncumu leci ca cinene ka kunyikana amahungu mun'wani na mun'wanyani ka mabulu ya siku ni siku, kambi ni lawa ya xihlonipu. Hi languta kutitwisa amincumu leyi hinkwayu yimahaku amabulu, na hikombikisa amincumu leyi yi wumbaku akutitwisa amatsamela ya kuhambana-hambana ka mabulu na hilava akukombisa amamahekela ya mincumu ya kufambelana ni kutitwisa amawonela ya Bakhtin he ka mabulu ya vanhu vanga hlangana, hi kwalahu, na hilava akukombisa amamahekela ya kutitwisa ni kuhlamula loku kuneni lomu mabulwini. Hi kukombisa a lisima ya kutiva amatsamela ya kuhambana-hambana ka mabulu lomu ka kuhlamula loku kunene; kuhlawutela amamahekela ya kunyiketana a gezu lomu kamabulu. Mayelano, hilangile amamahela ya ku fambelana ni xigodzelo ca mabuku. Amagamela makombikisa lezwaku konthle akutitwisa hi kuhlamula, nakona, loku munhu atitwisa gezu nagih xikombiso ca matsamela ya ku pimisa ka vanhu, a cikari kambi ni handle ka yena kuhuma amatsamela lawa mantswa a mpambeni ka mabulu ya kukari. Hi kwalahu, akutiva amatsamela ya kuhambana-hambana i zwa lisima. Akuva zwalongisa amawulawulela lawa mafambelanaku ni munhu wakona. Hi mawulela lawo, hingavona lezwaku amakati yakutala lomu ka mabulu, amahlamulela lawa ya manene mamaheka hi kuhakisa he kamatsamela ya ndawu yakona hi gezu ga kuzwala.

MAGEZU YA LISIMA

Kutitwisa Ka Kuhlamula; Matsamela Ya Kubula; Mabulu

Considerações Iniciais

A compreensão é o passo inicial para que a atitude responsiva ativa se manifeste no âmbito da conversação. Nesta senda, o que tem acontecido algumas vezes em debates ou conversas acadêmicas é não saber como tomar a palavra, opor uma contrapalavra a palavra dita e/ou posicionar-se ideologicamente sobre o discurso dito. Para Bakhtin (apud SANTANA, 2017, p.62), a compreensão da contrapalavra consiste em réplicas, por parte dos interlocutores, os quais constroem discursos que vão de encontro a outras produções enunciativas, sejam através de concordância, discordância, negação, recusa etc.

Assim, entendemos que no gênero discursivo conversação, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para

com esta conversa, uma atitude responsiva ativa ao concordar ou discordar (Bakhtin, 2006). Para Briz (2000) um turno conversacional é o espaço de fala com emissões informativas, onde os interlocutores dirigem sua atenção manifesta e simultânea. Nesta vereda, os turnos conversacionais permitem a continuidade da atitude responsiva ativa dos sujeitos da conversação, que é feita, a partir da apropriação de um determinado género discursivo, ocasionando um fosso ténue para que os interlocutores se alternem entre os papéis de falante e ouvinte para trocar informações, impressões e ideologias a respeito de uma temática previamente estabelecida ou espontânea.

Nesse sentido, buscamos com este artigo compreender a questão da atitude responsiva de Bakhtin no género discursivo conversação. Com a intenção de destacar como se realiza a compreensão responsiva ativa no género do discurso conversação; identificar a contribuição do conhecimento dos géneros discursivos no âmbito da tomada de atitude responsiva ativa e descrever de que maneira ocorre a passagem de turnos conversacionais no âmbito da compreensão responsiva ativa.

Assim, sendo, a relevância da temática justifica-se pelo fato de se buscar com a pesquisa, suscitar em outros pesquisadores interesses sobre temáticas similares. Lembrando que, em contexto de Moçambique, os géneros discursivos diretamente ligados as circunstâncias de comunicação verbal espontânea, como a conversação, são poucos explorados em contextos escolares e científicos. Portanto, buscamos viabilizar que seja atribuído um lugar destacado aos géneros discursivos ligados a atividade corriqueira dos indivíduos, que são comumente chamados por Bakhtin como géneros primários.

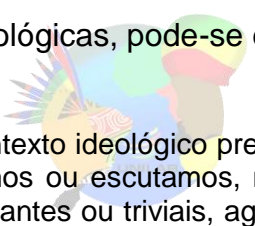
Ainda na mesma senda, Marcuschi (2003) afirma que há boas razões para o estudo da conversação, listando algumas delas, como o fato de ela ser a prática social mais comum no dia-a-dia das pessoas; o de ser um espaço favorável à construção de identidades sociais e o fato de envolver ações que vão além das habilidades linguísticas dos falantes. Para a efetivação do estudo, elegemos a pesquisa puramente bibliográfica, dado que apresentamos diferentes aportes teóricos que possibilitam a convergência ou divergência da literatura sobre a responsividade no âmbito da conversação.

Em relação a estrutura, o artigo comporta primeiro, considerações iniciais que indicam os aspectos referentes a contextualização do artigo; a fundamentação teórica, que discute os diferentes conceitos que achamos relevantes para a efectivação dos objetivos da pesquisa; no terceiro momento, descrevemos as opções metodológicas para a efectivação do trabalho”; quarto momento refere-se a análise e discussão dos dados

provenientes da pesquisa bibliográfica”. Para além disso, temos as considerações finais em que são sistematizados os resultados gerais sobre a pesquisa e retomados os objectivos. E são apresentadas, por último, as respectivas referências bibliográficas.

1. A Compreensão Responsiva Ativa

A compreensão responsiva ativa manifesta-se nas práticas sócio-discursivas ou interacionais que são realizados no processo dialógico de interlocutores socialmente organizados. Baseado no dialogismo da linguagem, Bakhtin cria uma nova categoria de análise, a *compreensão responsiva ativa*. Nesta linha, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin & Volochinov (1999, p. 33-34), acrescentam que a compreensão não pode revelar-se senão por meio de um material semiótico, na medida em que “compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos, em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos”. Diante do exposto, ao se levar em conta que o signo, na óptica bakhtiniana, não apresenta valor semântico pleno fora do contexto sócio-interacional e, por isso, é um elemento subordinado a facetas ideológicas, pode-se dizer que:



(...) implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN & VOLOCHINOV, 1999, p. 95).

É por conta disso, que sempre ouvimos que determinado indivíduo falou mal de um outro. Ou ainda que, o que o orador estava a falar é mentira, é possível aquilo ser verdade? Assim, não são palavras na qualidade de realizações linguísticas o que escutamos, pois elas são carregadas de valorações e significações-ideológicas-contextuais, expressando, desse modo verdades/mentiras, bondade/maldade. Podemos observar que, o contexto sócio-comunicativo impacta de tal modo que os lexemas enquanto signos ideológicos adquirem semânticas em função do contexto sócio-discursivo-situado.

Nesse delineamento, compreendemos efetivamente que as palavras fora de um contexto de interação social não têm alguma entonação valorativa. A entonação tem carácter social e se manifesta edificando a valoração social de um determinado grupo,

assim, por vezes, à entonação cabe a tarefa de expressar o que a palavra não dá conta de dizer sozinha, a caracterizá-la como elemento axiológico e inerente da interação discursiva (Bezerra; Menegassi, 2021, p. 2-3). Por isso, é necessário sempre avaliar as palavras tendo em conta uma situação comunicativa concreta, de tal modo que, o que for a se dizer desperte em nós reflexões sobre diferentes concepções epistemológicas. Com a enunciação, entendemos que a palavra só por si só, ou seja, fora de um contexto de interação não apresenta algum valor ideológico, como resultado, existem códigos de linguagens entendidos por certos grupos, o que acontece pelo fato destes pertencerem ao mesmo universo ideológico.

Por conta do dito anteriormente Stella (2007), em estudo sobre o conceito de “palavra”, nos trabalhos pertencentes ao Círculo de Bakhtin, assevera que: O falante, ao dar vida à palavra (signo ideológico), dialoga diretamente com os valores sociais, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores. São esses valores que devem ser entendidos, apreendidos e confirmados ou não pelo interlocutor”, desencadeando a compreensão, passo inicial para que a atitude responsiva se estabeleça e o diálogo se manifeste (STELLA, 2007, p. 178).

A autora confirma a ideia de que a palavra enquanto elemento verbal é afetada diretamente pela situação extraverbal, ou seja toda a avaliação que fazemos das enunciações referem-se as situações da vida. Por seu turno, (Bakhtin, 2006) afirma que todo ato de compreensão é uma resposta, seu conceito de resposta é amplo tendo em vista que ultrapassa o esquema já padronizado de que para toda pergunta exige uma resposta, uma vez que resposta na teoria bakhtiniana tem-se como uma atitude em que determinado interlocutor se posiciona ideologicamente sobre determinado discurso. Nem sempre é visto como uma réplica a uma pergunta, mas a um discurso, que pode ser mediato ou imediato.

De modo geral, entendemos que compreender não é apenas opor uma contra palavra ao discurso anterior, mas fazer a internalização do discurso do outro para a constituição da enunciação, e enfim fim contra-argumentar o discurso do outro com suas próprias palavras. A esse respeito, Bakhtin (2006) vai dizer que compreender é opor a palavra do locutor, uma contra palavra. Tudo isso, não quer dizer que compreender é se opor a determinado discurso, mas usar o discurso anterior para a formação do discurso resposta. Associámos ao dito anteriormente ao que Bakhtin/Volochinov (1999, p. 99), dizem, “[...] na compreensão autêntica tem-se a tomada de posição a respeito do que é

dito e compreendido, visto que toda compreensão comporta em si uma resposta, como aspecto intrínseco”. Ainda nessa perspectiva, de dar uma resposta a enunciação compreendida, convidamos, Bakhtin (1997), que vai dizer que toda compreensão é prene de resposta [...] A compreensão responsiva nada mais é do que a fase inicial e preparatória para uma resposta.

Nesta senda Bakhtin (1997) e Stela (2007), são unânimes ao afirmar que a compreensão é o processo iniciático para tomar posteriormente a atitude responsiva ativa. Havendo nesta senda, um fosso ténue entre a compreensão e atitude responsiva, ou seja, a compreensão e a atitude responsiva são faces da mesma moeda. Visto que, para esses autores, só a própria compreensão já se constitui como atitude de resposta ao enunciado. Antanho, a compreensão ativa é um protótipo do diálogo, em que os sujeitos da interação recebem a mensagem de forma idiossincrática², sem reacção alguma, em seguida, manifestam-se ativamente em uma situação enunciativa.

Como deixamos marcado em momentos anteriores, ao afirmar que toda compreensão é prene de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor ele fala da alternância de papéis entre o locutor e o seu interlocutor, não pode haver compreensão responsiva ativa sem resposta, uma vez que ambas estão unidas uma a outra, Bakhtin (1997). Assim, a compreensão é ativa, quando a resposta de um dos sujeitos da interação é imediata e situada, e embora silenciosa, mas também é ativa quando um dos sujeitos da interação não responde de forma imediata, mas retarda a resposta, que pode ocasionar pela reelaboração da resposta ou do discurso.

O que se percebe no dizer de Bakhtin (1997) é que, é claro que nem sempre ocorre imediatamente a seguinte resposta em voz alta ao enunciado logo depois de pronunciado, entretanto, isso não descarta a possibilidade de que haja uma compreensão responsiva ativa do enunciado. Diante disso, essas ações e reações emolduram e configuram toda uma prática enunciativa espontânea ou não. Assim, essa compreensão por vezes é condicionada pelo conhecimento e domínio de diferentes gêneros discursivos. Nesta

² Idiossincrático é uma expressão usada para fazer referência, muitas vezes, a situações incomuns ou até impróprias. A palavra idiossincrática não é encontrada no dicionário da língua portuguesa, porém, é a forma mais usual da palavra idiossincrásico. Idiossincrásico é um adjetivo que se refere à idiossincrasia, que é a maneira de ver, de sentir e de reagir, própria de cada pessoa. É uma forma incomum de se portar perante a sociedade.

senda, apresentamos a seguir os contornos e os entornos da compreensão responsiva ativa e os gêneros discursivos.

2. A compreensão responsiva ativa e os gêneros discursivos

Sabemos que a natureza da linguagem é nimbada pelo dialogismo, portanto, para que o diálogo se efective ele se realiza a partir de um determinado gênero discursivo. Nos estudos de gêneros do discurso realizados no Brasil, Bakhtin é um dos autores mais citados. Nesta justaposição da enunciação, os gêneros do discurso resultam em formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinado sócio historicamente, (BAKHTIN, 2003, p.282). O autor refere que só nos comunicamos, falamos e escrevemos, através de gêneros do discurso. Os sujeitos têm um infindável repertório de gêneros e, muitas vezes, nem se dão conta disso. Até na conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso.

Nesse viés, em todas as formas do discurso corriqueiro ou não que são passíveis de se conceber acreditamos que, seja necessária a apropriação de um gênero do discurso para que essas se realizem, é por conta disso que muitos estudiosos convergem na ideia dos gêneros do discurso serem elementos que rebentam com as práticas da língua(gem), os quais recorreremos sempre que precisamos concretizar um objetivo no âmbito de interação verbal. Em função disso, para (Bambo, 2019, p.53) “o conceito de gênero emerge de contextos reais de uso e é codificado pelos usuários dentro desses contextos”. Nessa perspectiva, para Lonardoni & Martinez (2013, p.6) “...os gêneros discursivos devem ser compreendidos como produção humana oriunda das práticas sociais, culturais e históricas, permeados por ideologias, intenções e, portanto, delas não podem ser separados”.

Deste modo, as abordagens de Bakhtin (2003) e Bambo (2019) sobre os gêneros do discurso são concordes, pelo que possibilitam aferições do tipo, os gêneros do discurso nascem concomitantemente com atividades humanas que envolvam a linguagem e, são tanto multiformes quanto a essas atividades. Outrossim, os gêneros do discurso por rebentam com as práticas sociais da linguagem, rementem-nos a deduzir que sejam inúmeros, não sendo possível conhecer todos em decorre. O que nos permite eleger um tipo de gênero discursivo para cada situação de interação, respeitando assim, as especificidades, peculiaridades e conceitos axiológicos envolvidos nesse processo interactivo.

Há que se considerar que, a habilidade no uso dos gêneros está diretamente relacionada ao domínio que temos em relação a eles, ou seja, quanto maior for esse domínio, mais facilidade teremos em empregá-los de forma usual e adequada nas multifárias situações comunicativas em que estivermos circunscritos. Assim, Bakhtin, (1992, p.281) chama à atenção para a categorização dos gêneros discursivos em duas classes, nomeadamente:

- ✓ Os gêneros primários (simples) - que são constituídos em circunstâncias de comunicação verbal espontânea, como por exemplo: a conversação oral quotidiana, a carta pessoal entre outros gêneros discursivos espontâneos; e
- ✓ Os gêneros secundários (complexos) - que “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e, relativamente, mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica”, como por exemplo: o romance, o teatro, o discurso científico e o discurso ideológico, entre outros.

Desta forma, durante o processo de configuração dos gêneros secundários estes impregnam-se e modificam os gêneros primários (simples) de todas as categorias, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea ou corriqueira. “Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se, dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem a sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios”, (Bakhtin, 1992, p. 284). Procedemos a seguir a abordagem da compreensão responsiva no gênero discursivo conversação.

3. A Compreensão Responsiva Ativa no Gênero Discursivo Conversação

Para iniciar a reflexão sobre essa temática gostávamos de dizer antes de mais, que a conversação suscita a existência no mínimo de dois interlocutores, podendo o interlocutor ser real ou não, de tal modo que possibilite a impregnação da compreensão ativa. É pela análise dos contextos de produção do signo ideológico e as posições axiológicas que os interagentes definem os gêneros a serem usados em determinada conversa.

O livro *Análise da Conversação* (1986), de Luiz António Marcuschi valoriza essa área de estudo, definindo a conversação como “a primeira das formas de interação a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora” (Marcuschi, 1986, p. 14). Marcuschi afirma que *conversação* será entendida como uma

interação centrada da qual participam pelo menos dois interlocutores que se revezam, tomando cada qual pelo menos uma vez a palavra, dando-se o evento comunicativo em uma identidade temporal.

No mesmo estudo, Marcuschi (1988, p. 322) esclarece que o termo *conversação* pode ser tomado em sentido amplo, abrangendo todas as formas de interação: “entre médicos e pacientes, no tribunal, em sessões de terapia, na escola, nos aconselhamentos, nas entrevistas, na interação intercultural, interétnica”. Fávero *et all.* afirmam que a conversação é “um processo interacional específico, que implica participação conjunta dos interactantes na dinâmica evolutiva de um evento comunicativo informal, localmente processado” (MARCUSCHI apud, SILVA, 2015, p. 138).

Destarte Koch (2003), ao defender a concepção de linguagem como interação, ressalta a importância dos estudos conversacionais justamente por ser na conversação face a face que a linguagem atualiza sua natureza interativa, ou seja, na conversação, os falantes realizam ações linguísticas, por meio de enunciados com sentido e, conforme as regras da gramática de uma língua, dentro de um contexto social que pode ser alterado por essas mesmas ações.

A conversação é um gênero discursivo mais recorrente na vida dos sujeitos falantes, entretanto, um dos pouco estudados. Importa mencionar que ela se configura como a interação entre dois ou mais falantes. Podendo o assunto ser antecipado ou mesmo espontâneo, como ocorre na maioria das vezes. Destacamos que para que ela ocorra no seu variado sentido, há necessidade que haja de vez em quando a alternância de turnos conversacionais entre as partes, a fim de que não se confunda este gênero com outros que compartilham as mesmas esferas de circulação social. Considerando que ela ocorre com dois sujeitos fazendo parte do diálogo, há necessidade de considerar neste âmbito as diferentes posições axiológicas que os integrantes possuem, para que se oriente o discurso moldado por um tipo de gênero discursivo com especificidades capaz de amparar tal contexto axiológico envolvido.

Com efeito, para o teórico russo, Bakhtin (2003) todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada. Baseado nesse dialogismo, esse autor, afirma que o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma

transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo “dixi³” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou.

A essa relação de transferência de palavra e alternância de sujeito do discurso a *Análise da Conversação* de Marcushi (2003) vai chamar de passagem de turnos conversacionais. Assim, um falante termina o seu turno para dar lugar à fala do outro e, é isto que permite a possibilidade de resposta (posição responsiva), na conversação. Reitera-se que toda a conversação funciona através da enunciação, envolvendo duas partes que irão confrontar as suas posições valorativas e axiológicas.

Poderá o sujeito (falante) do discurso tomar o turno e no uso desse turno se posicionar em relação ao discurso dito, construindo em sua concepção utópica ou ingênua um discurso ainda não-dito, embora, a base de “novo” discurso surge exatamente apoiado em um discurso anterior. Para isso esse sujeito (falante) poderá selecionar parte do discurso de seu interlocutor a fim de denegar ou concordar com o que tem sido dito, realizando, deste modo, a compreensão responsiva ativa no género discursivo conversação. Razão pela qual aceitamos a ideia de que todo o enunciado procede de alguém e se dirige a alguém. Assim, comporta um enunciador e um ouvinte.

Para essa resposta compreensiva ativa, o sujeito do discurso tomará o turno conversacional, seguindo sinais que seu interlocutor lhe dará, tais como olhar, gestos, pausa, diminuição do ritmo da fala, dentre outros sinais que seu interlocutor dará a fim de que haja um posicionamento em relação ao discurso. Dizemos desde já, que a conversação é social, pois nela são partilhadas as ideologias sócio-historicamente situadas. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento impalpável da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz real alta.

É claro que nem sempre ocorre imediatamente a seguinte resposta em voz alta do enunciado logo depois de pronunciado: a compreensão ativamente responsiva do ouvido (por exemplo, de uma ordem militar) pode realizar-se imediatamente na acção (o cumprimento da ordem ou comando entendidos e aceitos para execução), pode permanecer de quando, em quando como compreensão responsiva silenciosa (...), mas isto, por assim dizer, é uma compreensão responsiva de efeito retardado: cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte (BAKHTIN, 2003, p. 272).

³ *Dixi* falamos de pausas dos interlocutores no âmbito da conversação, há autores que designam de *deixa*.

Para Tovar (1997, apud SILVA 2015, p.137) na conversação face a face, não existe necessidade de marcar as mudanças de turno de forma concreta e linguística, pois, em geral, são marcadas por elementos tonais ou gestuais. Sendo as formas de responsividade bastante diversas, podem-se reconhecer nessas palavras diferentes modos de compreensão no gênero discursivo conversação:

(a) **A compreensão responsiva imediata e pronunciada**, constatada quando o ouvinte/leitor (que, agora, se torna falante/co-autor) responde prontamente ao outro em voz alta, como no diálogo quotidiano oral ou simplesmente conversação, ou mesmo por escrito, como nas situações de ensino e aprendizagem em que o professor passa um comando e solicita ao aluno que o execute imediatamente;

(b) **A compreensão responsiva imediata no ato**, quando o parceiro da atividade comunicativa responde não verbalmente, mas cumpre imediatamente uma ação, como o filho ao executar a uma tarefa doméstica determinada pelos pais;

(c) **Compreensão responsiva retardada**, em que a resposta não acontece imediatamente, mas se atualiza mais tarde na fala ou no comportamento do parceiro da comunicação em outras situações de interação social.



4. Metodologia de Pesquisa

Em relação aos procedimentos metodológicos, assumimos a pesquisa de natureza **qualitativa**, visto que, nosso maior enfoque era compreender a questão da atitude responsiva de Bakhtin (2003) no gênero discursivo conversação. Assim, para (Gil, 1999), o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenómeno em estudo e das suas relações.

Desta feita, poderemos com a pesquisa destacar como se realiza a compreensão responsiva ativa no gênero do discurso conversação; identificar a contribuição do conhecimento dos gêneros discursivos no âmbito da tomada de atitude responsiva ativa e descrever de que maneira ocorre a passagem de turnos conversacionais no âmbito da compreensão responsiva ativa. Para que isso ocorra, associamos a natureza qualitativa a pesquisa bibliográfica como técnica de recolha de dados, pois a partir de ela buscamos diferentes informações em materiais como, artigos, manuais, resenhas e web *sites*, que sustentam e fundamentam os objectivos da pesquisa. Para Lakatos e Marconi, a pesquisa bibliográfica:

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros,

pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...], (Lakatos e Marconi, 2001, p. 183).

Relativamente ao que foi posto anteriormente, a pesquisa foi desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos e é importante para o levantamento de informações básicas sobre os aspectos directa e indirectamente ligados à atitude responsiva no género discursivo conversação.

5. Análise e discussão de dados

Os resultados que discutimos nesta parte, foram recolhidos a partir da pesquisa bibliográfica e poderão responder de forma sequencial aos objectivos traçados.

5.1. A Realização da Compreensão Responsiva Ativa no Género do Discurso Conversação

Quando no mínimo dois sujeitos confrontam seus pontos de vistas em uma conversa, espera-se que haja uma compreensão responsiva ativa tanto do ouvinte, enquanto estiver esperando a tomada do turno conversacional e manifestar a sua responsividade, assim como, do locutor, quando estiver usando do turno para orientar um discurso ao ouvinte, do qual ele espera uma resposta. Assim, Bakhtin (2003) prevendo tal situação, afirma que todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada.

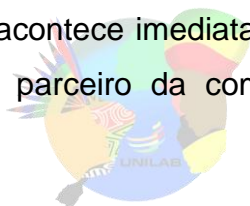
Assim, considerando a natureza dialógica da linguagem, que por consequência é assumida numa conversa, podemos assumir sob a influência de Bakhtin (2003) que a compreensão responsiva ativa no género do discurso conversação ocorre quando o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do Outro. Assim, a atitude responsiva ativa no âmbito desse género, termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como pausas na conversação, podendo ser mínimas ou prolongadas, que devem ser percebidas pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou.

Existe uma situação que muitas vezes pode ocorrer nos casos da tomada de atitude responsiva ativa na conversação, visto que, ela enquanto género oral espontâneo, não precisa de todo um ritual de formalidades, por isso, na maioria das vezes não existe nenhum moderador na conversa informal. Assim, o interlocutor que estiver produzindo enunciados a qualquer momento pode-lhe ser assaltado o turno e o interlocutor assaltante

tomar posse dele. Pois, na conversa a atitude responsiva ela muitas vezes é **imediate e pronunciada**.

Nessa linha de pensamento, podemos afirmar que, o falante que sofreu o assalto cede o turno ao seu interlocutor até que ele finalize a sua enunciação guiada pelo domínio do assunto e do género discursivo adotado. Sobre essa situação de sustentação da fala: “[...] é, na realidade, uma tentativa empregada pelo falante para garantir a posse do turno, assinalando à sua audiência o desejo de manter-se na conduta do diálogo. Para isso, recorre aos marcadores conversacionais, aos alongamentos, às repetições e à elevação da voz” (Dionísio, 2004, p. 84). Um dos aspectos da atitude responsiva na conversação é o fato de os interlocutores alternarem-se nos papéis de falante e ouvinte.

Além, da compreensão imediata e pronunciada, que mais ocorre na conversação, temos também, **a compreensão responsiva imediata no ato**, que pode se manifestar quando o outro par da actividade comunicativa responde não verbalmente, mas cumpre imediatamente uma acção sobre o que se disse, o que demonstra também uma compreensão responsiva. E a compreensão **responsiva retardada** dá-se em casos de conversas em que a resposta não acontece imediatamente, mas se actualiza mais tarde na fala ou no comportamento do parceiro da comunicação em outras situações de interação social.



5.2 A contribuição do conhecimento dos géneros discursivos no âmbito da tomada de atitude responsiva activa no género discursivo conversação

Pela natureza dialógica da linguagem humana, precisamos sempre dialogar, conversar ou interagir com o outro. Não obstante, para se dirigir ao outro é importante levar em consideração diferentes factores linguísticos e extralinguísticos que são interligados na interação a partir do género discursivo.

Existe uma diversidade de géneros discursivos, e por isso, é importante que as pessoas conheçam e familiarizem-se com os mesmos, já que eles permeiam a cultura da sociedade, ou seja, para isso é preciso saber produzir vários géneros discursivos para que se possa estar em uma interação sem dificuldades. Pois, na conversa, sempre são postos a mesa diferentes temas, o que pode suscitar, em alguns casos, géneros discursivos do tipo narrativo, descritivo, dissertativo entre outros.

Sob tal perspectiva, Tannen (2010) defende a existência de dois estilos conversacionais, o de “alta consideração” e o de “alto envolvimento”, sendo o primeiro o

dos falantes que buscam mostrar consideração sem se impor na conversa, e o segundo o estilo dos indivíduos que buscam demonstrar envolvimento e entusiasmo com a conversa e, com essa finalidade, realizam mais interrupções que os primeiros, que, por sua vez, esperam por pausas mais longas no turno do parceiro conversacional para iniciarem suas falas.

Assim, é capital entendermos que a atitude responsiva ativa do outro par da conversa é condicionada pelo conhecimento da diversidade de gêneros discursivos, tanto para a compreensão e, assim como, para a resposta imediatamente situada em voz alta. Outrossim, os gêneros discursivos na conversa, apresentam uma função social em uma determinada situação comunicativa, ou seja, a cada texto produzido, selecciono, ainda que inconscientemente, um gênero em função daquilo que desejo comunicar e em função do efeito que espero produzir em meu interlocutor.

Assim, para as situações nas quais o interlocutor introduz uma fala de concordância ou consentimento ao que está sendo dito, ou de acréscimo à fala do outro antes que este conclua seu turno, gerando uma fala sobreposta que não causa desconforto ou irritação, pois contribui para o desenvolvimento da conversa, há uma necessidade de dominar os gêneros discursivos para saber qual adoptar em função das necessidades imediatas daquela situação comunicativa. Portanto, parafraseando Bakhtin (2003) os gêneros textuais são enunciados relativamente estáveis ancorados em tipos textuais. Eles surgem, principalmente, em virtude do dinamismo das conversas sociais. Assim, da necessidade de nos comunicar nasceram os gêneros discursivos.

5.3. Ocorrência da passagem de turnos conversacionais no âmbito da compreensão responsiva ativa no gênero discursivo conversação

Esses momentos de alternância de turnos conversacionais são extremamente relevantes para que a compreensão responsiva ativa se manifeste. Nessa vertente, para (Galembeck & Costa, 2009), a conversação é caracterizada como uma série de turnos. No Brasil, (Marcuschi, 1986, p. 89) foi pioneiro na descrição da forma de organização de eventos conversacionais. Para o autor, turno é “a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio”.

A ocorrência de turnos conversacionais no âmbito da compreensão responsiva ativa no gênero discursivo conversação considerando a regra geral básica deste gênero denota que, fala um de cada vez. A regra diz que um falante deve esperar o outro concluir

a sua fala e só então ele poderá assumir a posição de locutor (Sacks, Shegloff & Jefferson, 1974). Inspirados nos autores supracitados, entendemos que a passagem de turnos conversacionais é condicionada pela necessidade do outro na qualidade de ouvinte querer se afirmar ativamente na conversa.

Portanto, isso ocorre, a partir do momento em que o ouvinte passa a ser co-autor da conversa, quando opõe uma contrapalavra aos enunciados socialmente postos naquela interação. No entanto, é facilmente possível presenciar conversações em que a alternância se denota a partir de sobreposições de vozes, principalmente em conversas que envolvam muitos participantes. Para terminar os turnos conversacionais no âmbito da tomada de uma atitude responsiva ativa na conversa viabilizam a unidade temática; desenvolvem o tópico discursivo e podem funcionar para expressar concordância, discordância, avaliação, esclarecimentos, entre outras funções.

Considerações Finais

As reflexões aqui empreendidas permitiram-nos constatar que compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar seu lugar adequado no contexto correspondente lembrando que para Bakhtin e seu círculo, a compreensão é uma forma de diálogo, e compreender é opor à palavra do locutor. O que não significa em instância alguma contradizer o que foi dito.

A partir do estudo dos trabalhos de Bakhtin e seu Círculo, pudemos fazer alusões que permitiram a efectivação dos objectivos da pesquisa. Em relação ao objectivo de destacar como se realiza a compreensão responsiva ativa no género do discurso conversação, assumimos que a compreensão sempre abrange a situação pragmática extraverbal, intrínseca ao enunciado e na conversa a atitude responsiva ela muitas vezes é imediata e pronunciada. Não obstante, não se descarta a possibilidade de que, ela se mostre mais tarde, em outras situações de interação social.

Em relação a contribuição do conhecimento dos gêneros discursivos no âmbito da tomada de atitude responsiva ativa no género discursivo conversação, que se configura como um dos objetivos, podemos inferir que a atitude responsiva ativa do outro par da conversa é condicionada pelo conhecimento da diversidade de gêneros discursivos, tanto para a compreensão e, assim como, para a resposta imediatamente situada em voz alta. Outrossim, os gêneros discursivos na conversa apresentam uma função social em uma determinada situação comunicativa, ou seja, a cada texto produzido, selecionamos, ainda

que inconscientemente, um género em função daquilo que desejamos comunicar e em função do efeito que esperamos produzir no interlocutor. Assumindo, deste modo, um papel inestimável no âmbito das práticas conversacionais.

Ainda na mesma esteira, podemos inferir que a ocorrência da passagem de turnos conversacionais no âmbito da compreensão responsiva ativa no género discursivo conversação, que constitui o último objectivo específico, ocorre quando o enunciado do outro par da conversa engendra em nós julgamentos de valor, o que abre espaço para a tomada do turno, para em seguida, manifestar a compreensão que no momento é dada pela contrapalavra (palavra minha), resultado da resignificação da palavra do “outro”.

Genericamente os objectivos da pesquisa permitiram calcularmos que a compreensão resoponsiva ativa na conversa é notada pelo término do turno conversacional de um dos pares do acto enunciativo abrindo espaço para que o outro assuma a posição responsiva em relação ao que se disse. Nessa linha, o conhecimento de diferentes géneros do discurso determina a fluência, capacidade dissertativa, narratológica e descritiva de quem os domina ou não. Pois, em cada situação de interação seleccionámos um determinado género para responder aos quesitos do contexto enunciativo. Logo, categorizamos que a passagem de turnos conversacionais no âmbito da compreensão responsiva ativa, ocorre através de pausas no discurso que determinam se o locutor terminou a sua fala ou não, possibilitando que o locutor-ouvinte naquele instante, possa se constituir também produtor do discurso. Ou seja, ocorre quando há troca de papéis entre os interlocutores da conversa.

Este artigo foi apresentado na 1ª Conferência Internacional sobre Educação, Tecnologia e Cultura: Contexto e Desafio, intitulado “Estudos Linguísticos e Estudos Literários, realizado na Universidade Licungo, nas modalidades (virtual e presencial).

REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M. M. (2003). *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (1998). *O discurso na poesia e o discurso no romance*. In: Bakhtin, M. (Org.). *Questões de literatura e de estética*. São Paulo, UNESP, 1998.p.334-434.
- _____. (2006). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec.

_____. (1993). *Para um Filosofia do Ato*, Trad. Carlos Alberto Faraco Cristóvão Tezza. Austin: University of Texa Press.

_____. (1997). *Problemas da Poética de Dostoievski*. Tradução Paulo Bezerra. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

_____. (1992). *Questões de Estética e de Literatura*. 3.ed. São Paulo: UNESP/Hucitec.

Bambo, P. M. (2019). *Os gêneros linguístico discursivos: um factor de inclusão no ensino da Língua Portuguesa*. Universidade Pedagógica, Maputo.

Briz, A. (2000). Turno y alternancia de turno de la conversación. *Revista Argentina de Lingüística*. v.2, n.3, p.219-242.

Dionísio, A. P. (2004). *Análise da conversação*. In: Mussalim, F.; Bentes, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 4. ed. São Paulo: Cortez. p.23-84.

Fávero L. L. et alii. (2010). Interação em diferentes contextos. In: Bentes, A.C; Leite, M.Q (Org.). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, p. 91-158.

Galembeck, P. T.; Costa, N. S. da. (2009). Alternância e participação: a distribuição de turnos na interação simétrica. *Anais Celi – Colóquio de estudos linguísticos e literários*, Maringá, 3, p. 1937-1944.

Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas.

Koch, P. W. (2003). *Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua*. Trad. Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. *Linha D'Água*, v.4, nº IV.

Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. (2001). *Fundamentos metodologia científica*. 4.ed. São Paulo: Atlas.

Marcuschi LA. (1988). *Questões atuais na análise da conversação*. 3º Encontro Nacional da ANPOLL. 3.jul. Recife: ANPOLL. p. 319-335.

Marcuschi, L. A. (2003). *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática.

Marcuschi, L. A.(1986). *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática.

Martinez, L. V. M. R; Lonardoní, M. (2013). *Gêneros discursivos e o ensino da leitura e da escrita*. Paraná Governo do Estado, Secretaria do Estado. Parana, Cardernos PDE.

Sacks, H.; Schegloff, E.; Jefferson, G.(1974). A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1- 2, p. 9-73.

Silva L, A. (2015). *Análise da Conversação e oralidade em textos escritos*. *Filologia Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 131-155.

Stella, P. R. (2007). *Palavra*. In: Braith, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto. p. 177-190.

Tannen, D. (2010). *Quem está interrompendo? Questões de dominação e controle*. In: Ostermann, A. C.; Fontana, B. (Org.). *Linguagem, sexo, sexualidade*. São Paulo: Parábola Ediytorial, p. 67-92.

Volochínov, V. N.; Bakhtin, M. M. (1999). *Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)*. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Rio de Janeiro. Forense Universitária.

Recebido em: 04/05/2023

Aceito em: 20/10/2023



Para citar este texto (ABNT): BALATA, Jerónimo Pascoal. A Compreensão Responsiva Ativa no Género do Discurso Conversação. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial II, p.116-133, out. 2023.

Para citar este texto (APA): Balata, Jerónimo Pascoal. (out.2023). A Compreensão Responsiva Ativa no Género do Discurso Conversação *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial II): 116-133.